

O QUE PENSAM OS PROFESSORES SOBRE SUA RELAÇÃO COM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS?

Kári Lúcia Forneck¹
Lucimara Fiorese²
Silvana Neumann Martins³
Derli Juliano Neuenfeldt⁴
Andreia Aparecida Guimarães Strohschoen⁵

RESUMO

Este texto apresenta um relato de experiência de formação continuada de professores para o ensino da leitura e da escrita em práticas multiletradas mediadas por tecnologias digitais numa concepção de educação *onLIFE*. Fundamentada nos pressupostos de ensino da leitura e da escrita e dos multiletramentos, a *Jornada de Estudos: Ensino, Linguagens e Tecnologias* concretizou um espaço de formação de professores para o uso de tecnologias digitais em suas aulas, em cinco encontros virtuais, nos quais se propôs uma experiência de educação *onLIFE*. Ao final de cada encontro, os professores participantes foram convidados a responder a um questionário virtual no qual apresentavam suas percepções sobre o tema abordado no encontro e sobre a possibilidade de concretização de uma experiência semelhante em suas aulas. Neste texto, apresentam-se, num primeiro momento, a proposta que concretizou a Jornada e, num segundo momento, uma análise de uma categoria emergente que tangenciou as respostas: a autopercepção dos professores sobre sua relação com as tecnologias digitais. Evidenciou-se que os professores percebem avanços importantes em sua relação com as tecnologias, reconhecendo-as não como meras ferramentas, com uma percepção mais crítica de seu papel pedagógico. Por outro lado, para que se percebam como coautores e coprodutores de materiais digitais pedagógicos, é necessário maiores investimentos em redes e equipamentos, bem como em formações continuadas como a que propusemos.

Palavras-chave: Tecnologias digitais, Ensino da leitura, Ensino da escrita, Educação *onLIFE*.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, considerando o complexo cenário provocado pela pandemia Covid-19, as tecnologias digitais acabaram sendo incorporadas às práticas de ensino, integrando os ecossistemas educacionais.

¹ Doutora em Letras, docente do Programa de Pós Graduação em Ensino, da Universidade do Vale do Taquari - Univates - RS, kari@univates.br;

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino, da Universidade do Vale do Taquari - Univates - RS, lucimara@universo.univates.br;

³ Doutora em Educação, docente do Programa de Pós Graduação em Ensino, da Universidade do Vale do Taquari - Univates - RS, smartins@univates.br;

⁴ Doutor em Ambiente e Desenvolvimento, docente do Programa de Pós Graduação em Ensino, da Universidade do Vale do Taquari - Univates - RS, derlijul@univates.br.

⁵ Doutora em Ecologia, docente do Programa de Pós Graduação em Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Exatas, da Universidade do Vale do Taquari - Univates - RS, aaguim@univates.br.



Em vista disso, é fundamental pensarmos sobre a formação de professores para o uso de tecnologias digitais. E, tomando esse cenário como ponto de partida, o grupo de estudos Ensino, Linguagens e Tecnologias (GT-ELT) tem se proposto a oportunizar contextos de formação continuada para o uso de tecnologias digitais em práticas de ensino da leitura e da escrita, pautadas por concepções de compreensão leitora (KINTSCH; RAWSON, 2013; RIBEIRO, 2017), de produção textual (GUEDES, 2009), de multiletramentos (ROJO; MOURA, 2019) e de educação *onLIFE* (SCHLEMMER; DI FELICE; SERRA, 2020; MOREIRA; SCHLEMMER, 2020). Para concretizar essas experiências, no âmbito do GT temos produzido materiais didáticos digitais para o ensino da compreensão leitora, organizamos uma jornada de estudos para a formação continuada de professores e estamos preparando uma publicação de um *e-book* com material didático digital.

Neste texto, apresentaremos a proposta da *Jornada de estudos: ensino, linguagens e tecnologias*, que se concretizou durante o período em que as escolas estiveram fechadas em função da pandemia. A Jornada foi realizada em cinco encontros virtuais de 1 hora e 30 minutos cada, em que foram abordadas temáticas sobre educação *onLIFE*, letramento digital, recursos para o ensino e avaliação da escrita em contextos digitais e processos de interação mediados por plataformas digitais. Ao final de cada um dos encontros, os professores participantes foram convidados a responder a um questionário no qual eram instados a refletir sobre as temáticas abordadas e, inclusive, sua relação com as tecnologias digitais nos contextos de ensino. O presente texto foi construído a partir do relato dessa experiência e a partir da análise das respostas aos questionários, de onde emergiu uma temática que tangenciou todos os encontros: a percepção dos professores sobre sua relação com as tecnologias digitais. Para subsidiar essa análise, nos valem dos conceitos de uso, de apropriação e de acoplamento, propostos por Schlemmer, Di Felice e Serra (2020), como será explicado ao longo do texto.

A seguir, apresentamos brevemente o referencial teórico que sustenta nossos estudos e ações, seguido da metodologia adotada na proposta da Jornada e na análise das respostas dadas pelos participantes e, por fim, explicitamos as análises em si, ao tecermos algumas considerações que pautam o ensino da leitura e da escrita, mediado por práticas de ensino multiletradas as quais concretizam a concepção de educação *onLIFE*.

REFERENCIAL TEÓRICO

A realidade imposta pela Pandemia Covid-19 demandou adaptações nos modelos pedagógicos com a inserção de práticas de ensino mediadas por tecnologias digitais (PASINI;

CARVALHO; ALMEIDA, 2020; BRANDENBÜRG *et al.*, 2020; MOREIRA; HENRIQUES; BARROS, 2020), uma vez que, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior, novas formas de ensinar tornaram-se necessárias (SANTOS JUNIOR; MONTEIRO, 2020). Diante das adversidades da pandemia, constatou-se a urgência de investimentos no aparelhamento tecnológico de escolas e na concretização de formações continuadas que possibilitassem a interação entre professores e alunos, que estavam afastados pelas restrições sanitárias.

Entretanto, importante dizer que, ainda que a pandemia tenha acelerado alguns processos, como aponta Kenski (2010), as tecnologias digitais (TD) já vinham fazendo parte dos contextos escolares, imprimindo mudanças no ecossistema escolar. De acordo com a autora, as TD garantem novas possibilidades de interação e ampliam a percepção de bem-estar dos indivíduos.

Ainda segundo a autora, no entanto, para que as TD possam trazer alterações no processo educativo “[...] elas precisam ser compreendidas e incorporadas pedagogicamente. Isso significa que é preciso respeitar as especificidades do ensino e da própria tecnologia para poder garantir que o seu uso, realmente, faça diferença” (KENSKI, 2010, p. 23).

Assim, é importante considerar que, para que, de fato, essa diferença aconteça, faz-se necessário pensar também na complexidade que a sociedade hiperconectada imprime nos contextos escolares. Segundo Moreira e Schlemmer (2020), no limiar da hiperconexão, está a concepção de educação *onLIFE*, que compreende uma educação que se dá a partir de relações em rede, entre humanos e não humanos (SCHLEMMER; DI FELICE; SERRA, 2020). Essas relações podem se dar i) na perspectiva de um sujeito mais passivo e até ingênuo, que concebe as tecnologias como meros recursos e ferramentas; ii) na perspectiva de um sujeito mais consciente que se apropria das tecnologias de modo mais crítico e, inclusive, atento; ou, ainda iii) na perspectiva do acoplamento, em que há uma relação de engendramento, sem que se distiguem real e virtual e em que o sujeito assume uma posição de produção e de consumo consciente dos recursos de que dispõe. Essas relações – uso passivo, apropriação crítica e correlação por acoplamento – resultam em práticas de ensino distintas que requerem maior ou menor familiaridade dos professores com o universo de possibilidades que as tecnologias digitais proporcionam.

Ou seja, sob esse paradigma, cabe à escola repensar a educação, considerando, entre tantas outras possibilidades, o pressuposto de que os estudantes precisam ser letrados digitalmente: devem saber ler, escrever e interagir em contextos digitais, e isso se dá por meio de experiências linguageiras multiletradas. Eis aí uma das interfaces conceituais que propomos

construir: a educação *onLIFE*, na perspectiva das relações engendradas e críticas, se concretiza por meio de práticas multiletradas de ensino da leitura e da escrita.

Nesse âmbito, para Coscarelli e Kersch (2016), é fundamental que a leitura, por exemplo, se dê por meio de um leitor capaz de fazer uma boa navegação e capaz de compreender o que lê quando interage com hipertextos e com textos multimodais. Na mesma linha argumentativa, Pereira (2017) sugere que, mais que saber buscar e selecionar a informação, é preciso saber produzir conhecimento, e isso requer um domínio elementar das tecnologias digitais. Percepção semelhante se tem em relação à produção textual, que no escopo de nossas ações é entendida na perspectiva da produção escolar contextualizada e voltada ao mundo da experiência dos estudantes (GUEDES, 2009). A autonomia e a independência em manipular ferramentas e recursos digitais para produzir textos, portanto, é fundamental. Assim, as tecnologias digitais devem ser empregadas não apenas nas aulas de informática (COSCARELLI, 2017), mas como experiências didáticas engendradas nas práticas cotidianas de ensino da leitura e da escrita.

Dudney, Hockly e Nicky (2016) sugerem que a interação com experiências multiletradas – de leitura, de escrita e de interação digital – podem ser concretizadas, por exemplo, por práticas pautadas em experiências de busca de informação, na concretização de conexões e redes, na remixagem de conteúdos já existentes na internet e, é claro, por meio da leitura e da escrita em ambientes virtuais.

Dadas essas possibilidades, em uma perspectiva de educação *onLIFE*, entendemos ser necessário que o professor consiga reconhecer que o trabalho com a leitura e a escrita, com o objetivo de desenvolver experiências multiletradas, configura-se uma possibilidade de concretizar uma escola conectada e dinâmica.

Um paradigma desse tipo só se constrói com espaço de discussão, reflexão e interação, entre professores, inclusive. Uma das maneiras de realizar espaços desse tipo é a concretização de contextos de estudo em formação continuada de professores. Na próxima seção, apresentaremos um relato de uma experiência desse tipo.

METODOLOGIA

O Grupo de Trabalho Ensino, Linguagens e Tecnologias (ELT) é um dos grupos que integram a pesquisa institucional *Ensinar da infância à idade adulta: olhares de professores e de alunos*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari – Univates (RS). No escopo dessa pesquisa institucional, vem sendo concretizado o



eixo de pesquisa intitulado *O ensino da leitura e da produção textual sob a perspectiva da educação onLIFE em contexto pedagógico pós-pandemia*, financiado pela FAPERGS, em parceria com o SEBRAE/RS (Parecer de aprovação no COEP, sob o CAAE 57432922.0.0000.5310).

A *Jornada de estudos: ensino, linguagens e tecnologias* foi idealizada por esse GT e concretizou um dos objetivos específicos da pesquisa acima mencionada, em especial, por promover a formação continuada de professores para o ensino da leitura e da escrita mediadas por práticas multiletradas no âmbito dos fundamentos da educação *onLIFE*. A Jornada ocorreu virtualmente e foi dividida em 5 encontros, entre os meses de setembro e novembro. Cada encontro teve duração de 1 hora e 30 minutos e se concretizou por meio da plataforma *Google Meet*. Já a plataforma *Google Sala de Aula* foi utilizada para o compartilhamento de materiais de apoio disponibilizados aos participantes, os quais consistiam em artigos, capítulos de livro, endereços de *sites* e vídeos, que complementaram as discussões temáticas promovidas em cada encontro. Além disso, cada participante poderia optar em participar de todos os encontros ou somente daqueles cuja temática lhe interessasse.

Ao final de cada encontro, era disponibilizado aos participantes um questionário no *Google Formulário*, com questões que versavam acerca da temática abordada no encontro e acerca da possibilidade de concretizá-la em sala de aula. A fim de responder às questões, cada professor participante tinha de consentir com sua participação por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que era disponibilizado no início de cada questionário. Ao todo foram obtidas 52 (cinquenta e duas) respostas.

Caracterizado como estudo de caso (YIN, 2004), uma vez que as reflexões a seguir apresentadas contêm percepções de um grupo de pessoas específico a respeito de um aspecto também específico (PRODANOV; FREITAS, 2013), o percurso investigativo se deu a partir da análise de material textual decorrente dessas respostas. Todas as respostas dadas pelos participantes foram agrupadas em único documento, lidas com atenção e delas emergiram as possíveis categorias de análise, tal como propõem Moraes e Galiazzi (2020). Dessa organização, foram formadas três categorias, apresentadas em um outro estudo a ser publicado pelo grupo de pesquisa (em editoração). Neste texto, como apresentado na introdução, nos deteremos no relato da experiência de formação de professores e nas percepções dos participantes sobre sua relação com as tecnologias digitais, uma categoria emergente que tangenciou as demais.

Na próxima seção, portanto, organizamos essas ideias em duas temáticas: a primeira contém um breve relato dos cinco encontros da Jornada de Estudos, e a segunda, uma análise

das respostas obtidas acerca da temática da percepção da relação dos professores com as tecnologias digitais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

a) A proposta:

Como já mencionado previamente, a *Jornada de Estudos: Ensino, Linguagens e Tecnologias* teve o propósito de oportunizar aos professores uma experiência de formação continuada para o ensino da leitura e da escrita com ênfase em experiências de multiletramento, que concretizassem a concepção de educação *onLIFE*. Esse arcabouço teórico – construído na interface teórica – pressupõe a compreensão de que práticas de ensino mediadas por tecnologias digitais são maneiras de oportunizar aos estudantes experiências contemporâneas de acesso ao conhecimento a à produção de informação e de conteúdo textual.

Para dar conta dos diversos temas que podem ser abordados no âmbito dos multiletramentos e da educação *onLIFE*, a Jornada foi organizada em cinco encontros, cada um com uma temática específica, que, por sua vez, dialogava com a temática geral da proposta.

A seguir, apresentamos um quadro com um resumo dos encontros:

Quadro 1 – Resumo dos encontros

Encontro 1: <i>Tecnologias na Educação onLIFE: que história é essa?</i>	Neste encontro, foram abordadas as perspectivas sobre o uso de tecnologias em um contexto trans e pós-pandêmico, em que aulas na modalidade presencial se misturam com aulas virtualizadas, bem como atividades virtualizadas são planejadas para aulas presenciais. Além disso, discutiu-se o papel da escola em uma sociedade digital, pautando as reflexões sobre o ecossistema de aprendizagem (MOREIRA <i>et al.</i> , 2020).
Encontro 2: <i>Letramento digital, multimodalidade e organizações de conteúdo em plataformas digitais</i>	Neste encontro, houve a discussão de concepções de letramento digital, pautadas em Rojo e Moura (2019), e de multimodalidade, pautada em Kress (2010), além da experimentação do aplicativo <i>Padlet</i> como ferramenta de organização de conteúdo <i>online</i> .
Encontro 3: <i>Produção de textos em ambientes digitais a partir do gênero fanfic</i>	Neste encontro, abordou-se a produção escrita do gênero fanfic (FRONCKOWIAK <i>et al.</i> , 2021). Os participantes puderam experienciar uma prática de escrita colaborativa em ambiente digital.
Encontro 4: <i>(Re)textualização na prática de gêneros textuais no ensino da Língua Portuguesa: o uso do Storyboard That</i>	Neste encontro, abordou-se a retextualização de gêneros textuais como prática de ensino da escrita na escola (MARCUSCHI, 2001; MOURA, 2016). Houve uma prática de criação de narrativas no aplicativo <i>Storyboard that</i> , uma plataforma digital que permite a produção de histórias em quadrinhos integrada às práticas escritas na escola.
Encontro 5: <i>Avaliação de textos em ambientes digitais: uso de bilhetes orientadores e códigos de correção</i>	Este encontro foi direcionado para o estudo e a prática de avaliação de textos em ambientes digitais (BAZARIN; CAIADO, 2021; RUIZ, 2018). Os participantes puderam conhecer práticas de correção de textos por meio de códigos de correção desenvolvidos para uso na plataforma virtual <i>Moodle</i> .

Fonte: Os autores, com base em Forneck, Fiorese e Benini (2022).

Como fica evidente, propusemos um conjunto de encontros em que os temas ensino da leitura e ensino da escrita fossem abordados por meio da mediação com tecnologias digitais.

b) As percepções:

Para Schlemmer, Di Felice e Serra (2020), uma proposta interpretativa da relação entre seres humanos e tecnologias digitais abarca três níveis: i) o nível do uso, quando as tecnologias digitais são entendidas como recurso e como ferramenta, e o usuário se coloca na condição de mero consumidor passivo do produto digital; ii) o nível da apropriação, em que as tecnologias digitais passam a fazer parte da vida como redes de inteligência, e o usuário passa a assumir uma posição empoderada de consciência crítica; iii) o nível do acoplamento, em que ecologias inteligentes criam redes de engendramento, e o usuário passa ser co-produtor crítico e ativo no ecossistema em que real e virtual se misturam.

Quando instados a refletir sobre a importância do uso de tecnologias digitais para o ensino na contemporaneidade, os professores fizeram emergir suas preocupações com o cenário complexo em que se encontram. Pelas respostas, pudemos perceber que os professores revelaram uma autopercepção de sujeitos em transição, que já não concebem mais as TD como meras ferramentas ou recursos que enfeitam as aulas. Eles também se autopercebem como sujeitos em busca de uma relação mais crítica e consciente, pela compreensão de que não há mais como pensar em ler e escrever com autonomia e criticidade, sem que se tenha uma relação apropriada com as tecnologias digitais.

Os excertos a seguir revelam essas percepções:

E1: Vejo que os professores ainda não estão cientes de sua importância [das tecnologias], pois já estão conectados, já fazemos parte do ecossistema digital, no entanto os professores ainda não conseguem lidar com o cenário de hiperconectividade.

E2: O primeiro desafio está com o professor: conhecer as tecnologias, apropriar-se, ter acesso, motivar os alunos a usá-las.

E3: [...] dominar as tecnologias, tenho muito a aprender....

E4: Através de um projeto de incentivo à leitura, o professor poderia eleger um ou mais livros mais lidos pela turma e propor o trabalho com fanfics. Talvez criar um blog da turma e dividir tarefas entre os alunos como escrita, revisão, formatação...

E5: [...] retextualizar notícias em tweets pode ser bem interessante, sem perder a informatividade mas com número de caracteres limitado.

E6: Havendo disponibilidade tecnológica utilizo o Google Docs (preferencialmente) ou o envio por word e ali utilizo o "controle de alterações" que marca os pontos alterados e também as "caixas de comentários".

E7: Acredito que é possível aplicar todas as possibilidades apresentadas (fanfic, storyboard that, etc.). Existem inúmeras formas de adaptar diversos meios tecnológicos no ambiente escolar, apenas precisamos estar abertos e usar a criatividade.

E8: [...] eu adoro o padlet mas não tinha me aventurado a usá-lo em substituição às ferramentas tradicionais como o ppt.

E9: Os recursos/ferramentas multimodais alargam a potencialidade do ensino e as possibilidades de aprendizagem, agindo diretamente em subsunçores (conhecimento



prévio) dos estudantes, e reforçando a "fixação" dos conteúdos apresentados. Posso citar como exemplo: os vídeos, as imagens em 3D, aplicativos que simulam situações que não podem ser vivenciadas na sala de aula.

Pelas respostas, é possível perceber que os professores que participaram da Jornada se autopercebem como sujeitos em transição, com genuíno interesse em empreender novas formas de ensinar para a contemporaneidade. Porém, esses mesmos professores ainda sentem dificuldades de se autorreconhecer coautores e coprodutores, seja por ainda não dominarem os recursos digitais disponíveis, seja por sequer terem acesso a internet, computadores e redes digitais apropriadas. É o que revelam os excertos a seguir:

E10: Nem todos alunos têm acesso à Internet e a Internet nem sempre é amigável para quem está acessando de recursos limitados, como um celular com a tela quebrada ou um computador com pouca RAM ou ainda, sem o Office.

E11: Neste momento não [usa recursos digitais], a maior parte de alunos de periferia e alunos indígena encontram dificuldades ao acesso.

E12: Nas escolas públicas vejo como um grande desafio a ser superado, visto os poucos investimentos nesta área especialmente em tecnologia, falta de acesso de muitos alunos.

E13: Ainda não [usa recursos digitais], por causa da conexão na escola.

E14: [...] acesso às tecnologias digitais fora da sala de aula, entre outros desafios.

E15: [Falta de] infraestrutura (acesso a Internet nas escolas) para realização das atividades

E16: [Falta de] equipamentos tecnológicos e uma boa conexão.

E17: [...] dificuldades com acesso a conexão de internet de qualidade, computadores e etc.

E18: Outra questão são as próprias ferramentas tecnológicas. Embora eu trabalhe em escolas particulares, vejo que os computadores são defasados (uns não ligam, outros não têm conexão, etc.).

Como se vê, não é suficiente que instituições incentivem o uso das tecnologias digitais na educação. É fundamental haver a contrapartida da estrutura adequada no ambiente escolar para que seja possível ter acesso aos recursos tecnológicos, com redes e equipamentos adequados à conexão digital de professores e alunos.

Apesar dos problemas emergentes, algumas práticas docentes efetivadas no ambiente educacional, podem contribuir para a implantação, futura, da educação *onLIFE*, por meio de práticas de ensino da leitura e da escrita multiletradas. Entretanto, são necessários mais espaços de discussão acerca dessas temáticas e mais ação concreta do poder público para permitir o acesso à internet de qualidade a todas as escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos perceber ao longo do texto, durante a pandemia, houve um esforço por parte dos professores para que pudessem se apropriar de uma relação menos ingênua com as tecnologias digitais, reconhecendo-as como parte constitutiva das aulas, tal como se concebe



no âmbito do conceito de educação *onLIFE* (SCHLEMMER; DI FELICE; SERRA, 2020; MOREIRA; SCHLEMMER, 2020).

A proposta da *Jornada de Estudos: Ensino, Linguagens e Tecnologias* teve o propósito de se constituir um espaço – virtual – para que um debate nesse viés acontecesse. Tínhamos o objetivo de promover reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita, por meio de experiências multiletradas, tal como expusemos no relato sobre os encontros. Como se pôde ver nas respostas dos professores, há ainda um longo percurso a ser percorrido, a fim de que haja uma relação de coengendramento e de consumo e produção da leitura e da escrita de modo mais crítico e autônomo. E esse caminho depende de variáveis importantes: da própria autopercepção dos professores sobre sua relação com as TD, da realização de espaços de formação continuada em que se discutam esses temas e da concretização de contextos digitais acessíveis em todas as escolas, com redes e equipamentos que estejam em bom funcionamento.

Por fim, importante dizer que, na atual etapa da pesquisa mencionada neste estudo, estamos nos debruçando sobre os contextos pedagógicos pós-pandêmicos e nos interessa saber o quanto dessa experiência digital vivida durante as aulas remotas permanece – será que assumimos a condição de coengendramento digital? – e o quanto foi relegada ao esquecimento – será que voltamos a reconhecer as tecnologias digitais como meras ferramentas de ensino?

Mas isso é tema para outro texto.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul, pelo financiamento da pesquisa, e à Capes, pela bolsa de estudos concedida.

REFERÊNCIAS

BAZARIN, M.; CAIADO, R. V. R. A correlação de textos escolares como prática e como objeto de pesquisa: entrevista com Eliana Donaio Ruiz. **Revista Letras Raras**, Campina Grande, v. 10, n. 2, p. 155-169, mai. 2021.

BRANDENBURG, C. *et al.* Cartilha educação e saúde no combate a pandemia da (covid-19). **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 2, n. 2, 2020. [Cartilha]. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3670>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

COSCARELLI, C. V. Alfabetização e letramento digital. *In*: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 3. ed. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2017.



COSCARELLI, C. V.; KERSCH, D. F. Prefácio: Pedagogia dos multiletramentos: alunos conectados? Novas escolas + novos professores. In: KERSCH, D. F.; COSCARELLI, C. V.; CANI, J. B. (Orgs.). **Multiletramentos e multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem**. Campinas: Pontes Editora, 2016. p. 15-48.

DUDENEY, G.; HOCKLY, N.; PEGRUM, M. **Letramentos digitais**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FORNECK, K. L.; FIORESE, L.; BENINI, E. Jornada de Estudos para Educação *onLIFE*: um Relato de Experiência. **EAD em Foco**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. e1754, 2022.

FRONCKOWIAK, A. C. *et al.* Experiências com oficinas de produção De fanfics em tempos de pandemia. In: FORNECK, K. L. *et al.* (Orgs.). **Linguagens: múltiplos olhares, múltiplos sentidos**. Lajeado: Ed. da Univates, 2021. p. 303-313. (v. 7). Disponível em: <https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/344/pdf_344>. Acesso em: 23 ago. 2021.

GUEDES, P. **Da redação à produção textual: o ensino da escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação**. São Paulo: Papirus, 2010.

KINTSCH, W.; RAWSON, K. A. Compreensão. In: SNOWLING, M. J.; HULME, C. (Org). **A ciência da leitura**. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 227-244.

KRESS, G. R. **Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication**. United Kingdom: Taylor & Francis, 2010.

MARCUSCHI, L. A. **Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2020.

MOREIRA, J. A. *et al.* **Educação Digital em Rede: Princípios para o Design Pedagógico em Tempos de Pandemia**. Lisboa: Edições Universidade Aberta, 2020. (Coleção Educação a Distância e eLearning).

MOREIRA, J. A. M.; HENRIQUES, S.; BARROS, D. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, São Paulo, n. 34, p. 351-364, jan./abr. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.5585/Dialogia.N34.17123>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

MOREIRA, J. A.; SCHLEMMER, E. Por um novo conceito e paradigma de educação digital *onLIFE*. **Revista UFG**, Belo Horizonte, v. 20, n. 26, p. 63438, 2020.

MOURA, M. R. **Retextualização do conto oral a escrita pela apreciação da palavra**. 2016. 120 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2016.

PASINI, C. G. D.; CARVALHO, É.; ALMEIDA, L. H. C. A educação híbrida em tempos de pandemia: algumas considerações. **Observatório Socioeconômico da Covid-19**, 2020.



Disponível em: <<https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/820/2020/06/Textos-para-Discussao-09-Educacao-Hibrida-em-Tempos-de-Pandemia.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2021.

PEREIRA, J. T. Educação e cidade da informação. *In*: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3. ed. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica Editora, 2017. p. 6-24.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIBEIRO, A. E. Letramento digital: um tema em gêneros efêmeros. **Revista da ABRALIN**, São Cristóvão, v. 8, n. 1, p. 15-38, 2017.

ROJO, R.; MOURA, E. **Letramentos, mídias, linguagens**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

RUIZ, E. **Como corrigir Redações na Escola**. São Paulo: Contexto, 2018.

SANTOS JUNIOR, V. B.; MONTEIRO, J. C. S. Educação e covid-19: as tecnologias digitais mediando a aprendizagem em tempos de pandemia. **Revista Encantar-Educação, Cultura e Sociedade**, Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 01-15, 2020.

SCHLEMMER, E.; DI FELICE, M.; SERRA, I. M. R. S. Educação *OnLIFE*: a dimensão ecológica das arquiteturas digitais de aprendizagem. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 36, e76120, 2020.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2004.